

# POESIA

POR ANA MAFALDA LEITE



# ARMAR O AMOR

## “CELA 1” DE JOSÉ CRAVEIRINHA NA PERSPECTIVA CRÍTICA DE UM JORNAL DE PORTUGUÊS DE ARTES E LETRAS

# CELA 1

No jornal português de «Letras, Artes e Ideias», precisamente o n.º 4, aparece pela pena de Ana Mafalda Leite uma abordagem crítica do livro «Cela 1» do poeta moçambicano José Craveirinha.

Pelo seu interesse transcrevemos na íntegra o texto.

José Craveirinha inaugura com *Cela 1* uma colecção das Edições 70 (Autores Moçambicanos), que fará a divulgação de algumas importantes obras escritas em Moçambique durante o período colonial e simultaneamente funcionará como mola propulsora de jovens escritores. O poeta, uma das figuras mais destacadas e representativas da literatura moçambicana, traz finalmente a público um novo livro, após alguns anos de silêncio editorial. Sabe-se que em *Karingana Ua Karingana* (Lourenço Marques, 1974; livro que será reeditado nesta colecção) não estavam ainda incluídos os poemas escritos acerca e durante o período de prisão (1965-69). As gavetas iam em segredo e lentamente amadurecendo, retardando, o trabalho que surge agora.

Neste livro são feitas alusões ao clima de clandestinidade e de luta que se vivia nas cidades, nos centros que normalmente eram considerados exteriores à guerra que percorria o Interior do País. Também ali se travava uma demorada guerrilha, embora as armas e as condições fossem diversas: um estado de alerta permanente. No auge dos mútuos/gémios contemporâ-

neos dos nossos ósculos/as artérias deflagram os poros/na mesma trincheira/de nervos (p. 17), uma atenção posta no mínimo mover de palavra ou de silêncio. Operacionais/mesmo na cidade vigiada /aos beljos um ao outro/não nos detectam (...) a cochichamos atrás das janelas/intensos como protecção (p. 52 e 54), um medo perceptível devido ao desconhecimento da sorte que porventura o dia seguinte iria revelar. Agora/a memória vasculha/os quatro cantos da cidade/e encasacados os ex-amigos /rastejam amaranhados nos raios subterrâneos do seu medo (...) e se há mais do que eu digo /também o meu medo /encasacado instiga-me ao segredo (p. 61).

A par de tal clima insuspeito de tão suspeito, apresenta-se normalmente alheado do quotidiano solar da cidade: Na tarde viscosa de sol /joelhos puros de rapariga cartilagem / os olhos masculinos nas esquinas das ruas. / E ao ritmo /da contradaça de joelhos nus nem parece /que alguns há cartilagens sangrando /a estolar-se no chão das cadeias (p. 10). Repare-se no entanto, apesar do alheamento, na existência de um simultâneo corpo de delto, se é que assim

se lhe pode chamar, cujo pelo termo nos é dado no poema pela palavra canibalizam; a mesma violência que incandesce a sensualidade, intensifica a opressão. Aliás é frequente na obra de José Craveirinha a recorrência de temas que se cruzam por vezes numa ambiguidade surpreendente: há uma ligação íntima, visceral, entre a temática amorosa e a da guerra (nas duas acepções: enquanto repressão e libertação). Desenvolve por todo o livro um envolvente animismo erótico, que cria a tensão propícia para o desencadear da luta: O mato acorda / excitado aos libidinosos beljos das automáticas (p. 41) (...) foi o espasmo de um morteiro (p. 41) (...) Ainda me restam as dez unhas / insidiosamente desembaalhadas (p. 61) (...) o dedo no clitorício gatilho imprescindível (p. 65) (...) enquanto acaricio esta pele de metal (p. 86).

Trata-se de armar o amor. Mas / a armada paixão male secreta (p. 17) e simultaneamente de uma tentativa consciente de armar a escrita, fazendo oscilar os sentidos de uma mesma palavra (a (r) mar): Como se trata de qualquer coisa sobre o amor / vamos ver se o sacana do censor / deixa passar! (p. 60).

A situação bélico-sensualizada a que se fez referência enquadra-se inevitavelmente no mesmo ambiente de clandestinidade, de luta latente e silenciosa da cidade. É necessário o uso da estratégia, o cálculo para a furtividade amorosa e/ou guerreira. Esta intencionalidade vai concretizar-se na criação de algumas figuras simbólicas, cujas características se assemelham às do estado de alerta e de imóvel exploração. Assim, certos animais ganham nos poemas um valor emblemático, uma esfingica energia de significação: O olhar / aquoso da nhoca a fitar-nos (p. 13) (...) Velha quizumba / de olhos ralados de sangue / sorve-me os rins da angústia / e a dentes de nojo / carnívora róme a medula infracturável do sonho (p. 49) (...) e nos silêncios moçambicanos / subtile como o pensamento dos mainatos / a sete fôlegos como aziaços gatos negros (p. 51) (...) E na fantástica / matriz do circuito fechado / ao feto inseminado a quizumbas de olhos doces de sangue / sugam-lhe o coração insaciáveis polvos de silêncio (p. 73).

O uso do símbolo animal pode também ser encarado como um processo deliberado de recuperação de certos valores da literatura tradicional. No conto, nas lendas, nos provérbios, o animal é presença constante. Um dos poemas, «Aforismo», leva-nos a esse domínio mítico e ancestral: Havia uma formiga / compartilhando comigo o isolamento / e comendo juntos. / Estávamos iguais / com duas diferenças: / Não era Interrogada / e por descuido podiam pisá-la. / Mas aos dois intencionalmente / podiam pôr-nos de rastos / mas não podiam ajoelhar-nos (p. 16). Do aforismo passa-se à efabulação e o sentido é amplificado e atualizado.

A civilização, a cidade de enorme brilho e atractivos, manifesta-se através de uma linguagem de consumo, utilitária, só acessível aos

que têm o poder, e ergue-se no espaço do sujeito como um espaço outro, ausente e abstracto: Que os meus olhos no tabu das montras / das sapatarías consomem mil modelos / de sapatos subjectivos / incompráveis por mim (p. 81) (...) Amarrada/a tiras de trapos/minha geleira a prestações/é uma branca figura de retórica / no centro da cozinha (p. 19). De notar o curioso uso da hipálage, que é conforme à temática desenvolvida, uma vez que acentua a distância entre sujeito e objecto e a inadequação entre dois mundos paralelos (subúrbio / cidade).

A abordagem dos temas de denúncia acarreta eventualmente perigos de facilidade e por vezes algum oportunismo, que caracterizam certa escrivência panfletária, mas o autor não o desconhece e distancia-se dessa margem de pseudo-poesia pela crítica e pela ironia: Amigos. / Naturalmente se eu fosse poeta em vez de gente / isto seria com certeza o tema de uma poesia africana / com meias solas de asfalto nos pés descalços / se-

patos por comprar / comida por comer / e muito povo à mistara (p. 26).

O tema da prisão, condensado no título, concretiza-se na experiência individual (pluralizada pela escrita), mas estende-se de forma significativa a toda a situação político-ideológica: um país, uma cultura encarcerados; e por dentro a porta ao meio / mais cega / mais surda / e mais muda do que nós / no papel autêntico / de porta fechada (p. 47).

*Cela 1* é pois um livro que nos fala desse limiar de passagem opressor, que impede a liberdade, da relação desta com o amor: a liberdade é uma dialéctica / ausência do autêntico amor / e vice-versa (p. 26), do silêncio e da palavra sinuosa, subtil, que circula como senha e sentido a desvendar / ocultar: Sei / que depois a pele transpira / até à lâmpada resplandecente / e que no Verão dos vórtices / os meus dentes batem de frio. / Obviamente então / a metamorfose dos mudos / quando tem de suceder / sucede luminosamente (p. 48).

### INTERROGATÓRIO

O olhar  
aquoso na nhoca a fitar-nos  
e um amarelo de pus vertendo  
o seu veneno dentro do nosso obstinado  
mutismo.

Mil sapos coaxando  
fazem o ritmo da maxila que dança.

E  
ao viscoso olhar do réptil a fumar  
subimos ao tecto do covil um milhão  
de vezes mais leves ao pesp  
do pânico.

### II

Quietos  
quatro horas seguidas  
comodamente sentados numa cadeira  
ao milésimo século de perguntas  
voltamos à primeira infância  
e dá-nos forte sem mijo  
a mijaneira!

Mas...  
não falamos!

Nossos  
sorrisos moçambicanizados  
previamente a carícias  
de cacetadas.

E  
as bocas inchadas  
a sangue natural imitando o vermelho  
torna autêntico este verso.

(1966)



José Craveirinha